

NOTAS À MARGEM DA VIDA DE S. FRUTUOSO⁽¹⁾

HENRIQUE BARRILARO RUAS

I. ALGUMAS QUESTÕES HISTÓRICO-CULTURAIS

A — A Vita Sancti Fructuosi

1) *Autoria*

As análises devidas a Díaz y Díaz são no essencial, praticamente, definitivas. Não julgo, porém, pô-las em causa (o que seria estultícia da minha parte) tentando acentuar ou aprofundar o acto de Valério do Berço ao incluir na sua Colectânea a Vida de Frutuoso. Isto é: Valério teria contribuído para a fixação do texto da *Vita*. De resto, algumas das grandes semelhanças entre passos da hagiografia e textos valerianos poderiam ser explicados por movimento inverso. Além de que uma ou outra são semelhanças com modelos. Cf. a referência de Agostinho a Orósio.

2) *Influências*

Tal como pensa Avelino de Jesus da Costa, permito-me discordar da tendência do ilustre Editor espanhol para considerar meras influências literárias, ou transposição de situações, os frequentes casos paralelos ou muito semelhantes da *Vita* com outras hagiografia especialmente com as obras dedicadas a S. Martinho de Tours. No entanto, não posso deixar de

⁽¹⁾ Tomo como base destas Notas a edição crítica da *Vita* que devemos à excepcional competência de Manuel Díaz y Díaz. Utilizo também o pacientíssimo trabalho de Aires do Nascimento (índices, concordância, análise linguística-dados, estatísticos da *Vita Sancti Fructuosi*). Não consegui conhecer a tradução portuguesa de José Cardoso, o que lamento, tanto mais que por isso terei, ao menos em alguns casos, “arrombado portas abertas”. Pude, sim, aproveitar a excelente recensão crítica do trabalho de Díaz y Díaz, pelo R.P. Avelino de Jesus da Costa (*R.P. H.*, t. XV, pgs. 547-58); assim como o artigo do ilustre professor espanhol: “El primer testimonio sobre la Vita Fructuosis” (*ibid.*, t.XIII, pgs. 145-153).

ter em conta o momento, deveras marcante, em que o autor da *Vita* se despede de coisas passadas e fabulosas, para entrar em matéria actual, testemunhada (12, ll. 1-5). Mas causa alguma perplexidade que, ao começar o cap. 11, já se introduza um testemunho (seria, apenas, indirecto?).

3) *Divisão*

Embora com significados diversos, é possível (como, aliás, observou o Prof. Díaz) encontrar na *Vita* diversas divisões. Parece claro um corte na passagem de 9 para 10. O que começa em 10 oferece nova divisão ao começar o 12. Interrompida a hagiografia frutuosiense propriamente dita, pela introdução do que se poderia ter por uma curta biografia (também vagamente hagiográfica) de Benedita, o 16 retoma a narrativa. (Teria sido a história de Benedita um texto independente?). O corte de 16 para 17 dificulta, conforme anota o Editor, a leitura e, à primeira vista, a compreensão do discurso, de resto perfeitamente lógico, a não ser na suspensão da oração principal que tem por sujeito, para seguir com uma cujo sujeito gramatical é *immensus sancti desiderii ardor*. É fenómeno vulgar em estilo épico.

4) *Passos obscuros ou ambíguos*

a) *as peregrinações:*

Como nota Díaz y Díaz, a *Vita* chama *nova* à projectada peregrinação ao Oriente (17, ll. 3-4). E o ilustre Editor sugere (sem grande convicção) que o adj. se contraponha à implícita classificação como tal das visitas espirituais do Santo. Que dúvida? Por um lado, poderia o A. querer dizer que a peregrinação ao Oriente (Jerusalém e outros Lugares Santos; provavelmente também à Tebaida egípcia: cf. *Vita*, 1, ll.11-12) era então coisa nova. Por outro, seria efectiva referência a essas visitas frutuosienses no interior da Península. Como me parece quase impossível que a peregrinação aos centros espirituais do Oriente cristão fosse tida por nova (especialmente tendo em conta a importância da peregrinação de Egéria⁽²⁾), francamente me parece, na prática, indiscutível que o *nova*

⁽²⁾ O investigador Pinharanda Gomes, na sua *Patrologia Lusitana*, 119, pensa ter a peregrinação oriental de Frutuoso, como fonte inspiradora, a viagem de Egéria. Ainda que não seja possível chegar a uma certeza, creio que há aqui (ao menos em parte) forte probabilidade.

foi usado para distinguir das visitas anteriores a (em má hora) pensada. Essas viagens hispânicas foram duas: a Mérida para venerar Sta. Eulália; à Bética, para, passando por Sevilha com alguma demora, chegar ao território de Cádiz, e aí prestar culto a S. Gerôncio. Quanto a Sta. Eulália, a única dificuldade reside em explicar porque passou o Santo por Egitânia (hoje Idanha-a-Velha). Mas a verdade é que a *Vita* se refere vagamente a uma região.

Já a importância de S. Gerôncio parece inexplicável. Como simples hipótese (que talvez nunca venha a ser utilizável), recordo que não era ignorada na Alta Idade Média a prática de *tumuli ad honorem* (ou *honoraria sepulcra*) (cf. B. Taracena, in *Est. Dedic. a Menendez Pidal*, II, 657 n. da ant.). Onde ficaria a basílica? Não me parece haver indícios de que não ficasse longe de Sevilha; por outra parte, julgo admissível que a navegação *per longa spacia pelagi* fosse ao longo do Guadalquivir (Cf., adiante, na II parte deste trabalho, *pelagus*). Mas a basílica não ficava propriamente na ilha de Cádiz? Parece notável que S. Frutuoso empreendesse a sua viagem a Mérida com os olhos postos em Cádiz (11, ll.6-10). Será de excluir completamente a intenção de conhecer, ao menos sob forma de tradição local, o mosteiro da ilha “Capraria” que Sto. Agostinho tornou famosa?

A ideia de viajar ao Oriente cristão aparece imbrincada com o problema das relações de Frutuoso com o Estado visigótico. Que o Rei (que seria Chindasvindo) se lhe opusesse por recear perder o poder que tinha sobre o Santo, parece-me um tanto estranho. No caso de Frutuoso não ser bem visto na corte, mais fácil seria que a sua ausência fosse bem recebida. A *Vita* (17) dá indicações obscuras.

Que o Santo pertencesse à família do Rei Sisnando (Díaz, ed. crítica, 113 n.2) levaria a supô-lo de preferência vinculado às regiões orientais (especialmente gálicas) do Reino. Ou o Oriente de que se fala não seria senão a Narbonense?! Queria Frutuoso fazer-se ao mar, atravessando o Cantábrico a caminho de França?... Seria tal viagem interpretada pelo Rei como possível reforço a quaisquer ambições da família anteriormente reinante?... A data provável da carta que Frutuoso escreveu a S. Bráulio de Saragoça (651, segundo Galindo, pg. 218) cai a meio do período proposto por Díaz y Díaz para a viagem à Bética. Será isto uma dificuldade? Ou, antes, permitirá (porque a carta parece escrita junto do mar galego, ou “português”) definir mais estreitamente essa viagem?

b) *Frutuoso e Isidoro*:

A *Vita* abre com uma bela evocação da obra evangelizadora da Hispânia, e desde logo assenta numa dupla ortodoxia: De Roma, primeira de todas as igrejas, chegou a perfeita doutrina; do Egipto, mais alto foco da espiritualidade, vieram os exemplos. E em dois homens se condensou essa ortodoxia: em Isidoro de Sevilha, a da autoridade; em Frutuoso de Braga, a do monaquismo. E a *Vita*, com grande profundidade, prossegue: o Bispo hispalense instruiu por fora; o bracarense, instruiu por dentro. Se entre os dois tivesse de escolher, não há dúvida de que o A. escolheria Frutuoso. Frutuoso foi, desde menino, *immaculatum et iustum*. Neste preâmbulo (que é o cap. 1 da *Vita*), nem sequer se adivinha o destino episcopal de Frutuoso: ele é apenas, e isso basta, mestre e exemplo de vida religiosa. E Isidoro não volta a aparecer-nos nem sequer na visita a Híspalis, cuja importância eclesiástica fica na sombra.

Conforme observa Díaz y Díaz, em muitos dos Breviários se repete este paralelo.

O carácter imaculado de Frutuoso reaparece no fim da obra (20, l.15).

B – A acção do Santo; sua personalidade:

1) *A febre de construir*: S. Frutuoso surge como um dos grandes construtores da Alta Idade Média. Logo no início da biografia propriamente dita (2, ll.5-6; cf. V. abreviada, pg. 127, l.3 do texto lat. A *Vita* é percorrida por um dinamismo quase insólito: é preciso aproveitar o tempo — construindo... Assim, é provavelmente esta uma das primeiras fontes para o conhecimento de trabalho nocturno: 19, ll.7-9: *non solum diurno tempore sine intermissione operabatur sed etiam nocturnis oris lampadibus accensis in eodem opere perseuerabat*.

2) *Os mosteiros*:

a) *cenobium Conplutensem*: a sua fundação é registada na *Vita* (3, ll.3 e sgs., que se reflecte na V. abreviada (127, ll.5-6), e, pelo menos nos Breviários de Évora (L. III, ll.2-5) e de Salamanca (L. II, ll.4-8). É a primeira fundação frutuosiana (*Vita*, 3). Teve como patronos os Santos Justo e Pastor, mártires complutenses (v. Regra de S. Frut., 17, referida por Díaz y Díaz, *Vita*, 87, n.1), e Flórez, *Esp. Sagrada*, XVI 32-34. Parece-me que a designação deste mosteiro, que tem sido tão discutida, dependerá do próprio patrocínio desses Mártires hispânicos. (Cf.. adiante, “Turonio monasterium”). No entanto, não seria de excluir a sugestão de Compleutica, nome de uma estação numa das estradas de Braga a Astorga (cf. Díaz y Díaz, 85, n.2, que a rejeita). Trata-se da estação compreendida entre Roboretum e Vevniatia do Miliário de Antonino.

b) *monasterium Rufianensem*: a *Vita* indica que foi fundado numa região deserta e montanhosa (6, ll.1-3). As observações de Díaz y Díaz permitem duas hipóteses: ou a acção monástica de Frutuoso frutificou, ou a *Vita* exagera o carácter ermo da área. Parece mais aceitável a primeira. Este é o célebre mosteiro de S. Pedro de Montes, a que se refere Flórez, XVI, 34-36, e de que subsiste muita documentação. Acerca dele, v. Díaz y Díaz, *loc.cit.* da *R.P.H.*, 152 n. 28.

c) *monasterium Peonensem*: para sua fundação, v. *Vita*, 7, 1-2. A identificação com S. João de Poyo (Pontevedra), que o Editor informa ser frequentemente proposta, conforma-se, pelo menos, com o que diz a *Vita*:

foi fundado no litoral, do lado oposto àquele por onde a Galécia confina com o Berço. Está este mosteiro de Poyo representado no A.H. de Madrid.

d) *monasterium Visuniensem*: registada a sua fundação na *Vita*, 6, ll.7-8. Díaz y Díaz parece aceitar a identificação proposta por Flórez e outros, com San Fiz de Visuña (Lugo).

e) *cenobium Nono* (masculino): o texto parece-me mostrar que este mosteiro é distinto do feminino do mesmo nome. V. *Vita*, 14 e 15. Ao invés de Díaz y Díaz, inclino-me a achar aceitável a informação dada pela *Vita*: o nome derivaria do ordinal “nono”. Se é difícil provar que essa forma já seria praticada no séc. VII, também o é supor que um autor de então o dissesse.

f) *monasterium (feminino) de Nono*: fundado na vizinhança do mosteiro masc., mais propriamente por Benedita, mas sob a autoridade espiritual (também canónica?) de Frutuoso. A esta fundação e especialmente a Benedita é consagrado o (relativamente) longo capítulo 15 da *Vita*. É aquele que maior diversidade de designações — ou classificações — recebe: além de *monasterium*, *congregatio puellarum*, *consortio puellarum*, *monasterium uirginum*).

g) *monasterium* numa ilha da Galécia: É na *Vita*, 7, que vem narrada, no meio, aliás, de uma aventura interessante, a fundação deste mosteiro. O Prof. Díaz parece entender que este é o próprio mosteiro peonense, de que já se tratou. É possível; mas como explicar o *Et* da l.2?

h) *Turonio monasterium*: É este o caso que, ao menos para portugueses, mais interesse desperta. Vemo-lo na *Vita*, 20, ll.11; Brev. Bracarense ms. (do Cónego Soeiro) (L. IX, l.9); Brev. Bracarense edit. (Salamanca 1512) (L. VIII, ll penúlt^a e últ.^a). Note-se que não aparece na V. abreviada. Que este cenóbio seja o de Montelhos (aquele que começou por ser de S. Salvador e cedo passou a S. Frutuoso), parece praticamente assente (v., p. ex., Ed. crítica, 117, n.1). Mas porquê Turónio? Dir-se-ia que pela mesma razão (fraquíssima, por um lado, fortíssima por outro!) que explicaria o nome de Complutense para o mosteiro que vimos na alínea a). Frutuoso — ou alguém depois dele; mas por que não ele mesmo? — terá dado esse nome ao mosteiro erguido sobre o Pequeno Monte, em honra de Martinho de

Tours. Era a sua mais querida fundação: nas vizinhanças do “martiniano” Dume, banhava numa atmosfera toda carregada de memórias dos dois Martinhos. E, se foi S. Frutuoso que pôs sob a protecção do próprio Salvador o cenóbio que viria a ter o seu nome, não estaria a substituir Martinho por nenhum outro santo... Entre Braga e Dume. Dume nem precisa de grande atenção do hagiógrafo. Só um último pormenor: o Padre Vieira chamava “Turon” à cidade de Tours (*Serm.* V, XIII, 100).

3) *Questões de mentalidade*: Filho de um chefe militar importante, parente de reis, Frutuoso surge como uma grande personagem da Hispânia romano-visigoda. Romano-goda, e não simplesmente visigoda. Por larga maioria, os antropónimos são romanos ou pelo menos clássicos. A língua usada é um latim bastante próximo do latim das grandes eras, embora com certas marcas “bárbaras”, como o frequente *b* em vez de *u* (*v*), reconhecido como próprio do latim dos Visigodos (muito menos frequente, por qualquer razão, na V. abreviada). A primeira referência a que obedece a *Vita* é Roma, a Roma católica. O Egipto da Tebaida é uma província romana. Em tudo se procura o equilíbrio das paixões, das ideias, do que hoje designamos por “valores”. A única personagem feminina que o hagiógrafo regista tem nome latino é de alto nascimento. O Rei passa anónimo.

São romanos os narradores dos feitos do Santo.

O primeiro bispo que se interessa por Frutuoso é autor de hinos em latim e tem nome mais romano que bárbaro. Criado em sua casa o ‘romano’ Dientius vem a ser abade do seu mosteiro predilecto. Os santos a que presta especial culto são romanos, ou (no caso de Gerôncio) provavelmente de nome helénico.

Foi um Gerôncio, manifestamente outro, um dos discípulos ou criados de Sto. Emiliano, fonte viva da *Vita Emiliani* de Bráulio de Saragoça. A *Vita* respira pacifismo e amor pelos animais. Qualquer coisa de “franciscano” voga por estas páginas.

Há nelas como que um culto natural pela inocência, quer seja de gente ou de bicho... Mas a febre construtora e o ideal contemplativo invadem as mais recônditas paragens. Frutuoso é um andarilho e um navegante; *pede proprio, ut ei semper mos erat, absque uehiculi iubamine properabat; e ainda: dum multa illi intentio esset nauigandi in mare...* (respectivamente, 12, 1.5, e 7, 1.2). Estes ideais de simplicidade e naturalidade não o isentam (nem ao hagiógrafo) de um certo cunho

aristocrático (cf. 2, l.1 e l.11, 12-16; 11, ll.14, 17; 15, l.1; 20, l.9...) Pode ser indício de espírito aristocrático o ascetismo rebuscado, como que a busca da glória na dor e no martírio. Mas a *Vita* guarda Frutuoso dessas tentações: é geralmente sem espectáculo que o herói executa as operações dolorosas da sua caminhada para a perfeição. E o hagiógrafo parece ter dificuldade em aceitar — mas aceita — a atitude mais bela de Frutuoso: sabendo, pelos dois Testamentos, que “a obediência vale mais que o sacrifício), contra todos os seus desejos recebe a dignidade e o ónus episcopal.⁽³⁾

⁽³⁾ Para a importância da aristocracia hispano-romana nesta época, v. José Orlandis, “Los hispano-romanos en la aristocracia visigótica del siglo VII”, in R.P.H., t. XIII-II, 189-96.

II. QUESTÕES LINGUÍSTICAS

Latim	espanhol	português
"Adclusit" (<i>Vita</i> 15, l.34)	estrechó	apertou (dominou)

Os dicionários (incluindo Magne) parece não registarem o verbo *adcludo* que se diria pseudo-correcção erudita do lat. clássico *accludo*. Fiel ao seu sistema de registar as formas clássicas dos termos, Aires do Nascimento não inclui este verbo. Permito-me observar que assim se perde alguma coisa da verdade peculiar dos textos: não basta registar as palavras declaradamente medievais.

Ad instar (<i>Vita</i> 16, l.4)	à imagem e semelhança
-------------------------------------	--------------------------

A minha dúvida está no seguinte: a quem pertence a *semelhança*? Aos monges (*monacorum*)? Aos discípulos (*discipulorum*)? Ou, até, à acção de alimentar, amamentar espiritualmente (*nutrisset*)? Inclino-me de preferência para a primeira hipótese, ao passo que o Editor preferiu a segunda (ou será a terceira? A ordem das palavras, na sua tradução, é ambígua). Talvez fosse melhor traduzir o conjunto pelo português 'de monges de perfeição semelhante à do seu puro coração, alimentou os rebanhos dos discípulos'.

adolescens
(*Vita*, seg. Aires do Nascimento)

latim	espanhol	português
adulescente (<i>Vita</i> , 2, l.20)	adolescente	adolescente

Todos os termos significativos de idade merecem, especialmente em textos de transição, alguma demora. *Adolescens* é, para os dicionaristas, jovem; moço (de 14 a 30 anos); homem adulto (até aos 45 anos); moça; mulher nova. *Adolescentulus*: mocinho de 14 a 18 anos; menino. *Adolescentula*: mocinha; menina (de 12 a 16 anos). *Adolescentia* (ou *Adulescentia*): idade aproximadamente entre os 15 e os 30 anos.

Aetas
(*Vita*, seg. Aires do Nascimento)

Pode ser : idade; vida; geração (espaço de 30 anos); período; época; tempo; idade ou duração das coisas; os homens de uma época. *Aetas confirmata*: meia idade. *Aetas constans*: idade viril. *Aetas exacta*: velhice. *Aetas extrema*: também velhice. *Aetas iniens*: meninice; adolescência. *Aetas puerilis* (ou *puerilis aetas*): em Varrão: até aos 14 anos; em Isidoro de Sevilha: até aos 15. Em alguns outros: até aos 17. Como subst. colectivo: os meninos. *Aetatula*: tenra idade.

Aevum (ant. *Aevom*; ou *aevum*): tempo; duração da vida; idade; geração; longa duração; eternidade. *Aevo confectus*: acabrunhado pelos anos. *Integer aevi*: no vigor da vida. *Flos aevi*: juventude. *Primum aevum*: meninice. *Ter aevo functus*: que viveu três gerações.

latim	espanhol	português
Affluentissime (<i>Vita</i> , 3, 1.6)	abundantisimamente	fartamente

Em latim clássico há *affluenter* (assim registado por Aires do Nascimento). E nem todos os dicionários trazem a palavra: Koeler só dá *ex affluente* no sentido de, abundantemente.

Almifica (<i>Vita</i> 15, 1.22)	sublime	fecunda
-------------------------------------	---------	---------

Aires do Nascimento não classifica este lema como medieval; mas não o vejo como clássico.

latim	espanhol	português
Almum uivrum (<i>Vita</i> 11, 1.2)	questo santo protector	benfazejo varão

Hesito entre benfazejo e venerando. Não vejo o motivo por que Díaz y Díaz preferiu uma tradução livre, que aliás tem uma conotação histórica difícil de sustentar.

Altarium (<i>Vita</i> 6, 1.3)	altar	altar
--------------------------------	-------	-------

Ao que parece, a *Vita* emprega aqui como do sing. uma forma que, em lat. clássico, era gen. plural (embora com sentido singular).

Alteriorem (<i>Vita</i> 13, 1.15)	a la otra	à outra
---------------------------------------	-----------	---------

Registada como medieval por Aires do Nascimento (alterior). Como, 5 linhas baixo, o texto oferece a forma clássica alteram, e um dos códigos traz altiorem, fica-se a pensar se o sentido não seria “mais alta”.

Anphibolum (<i>Vita</i> 10, 1.8)	sayal	capa
--------------------------------------	-------	------

Não vem classificado como medievismo por Aires do Nascimento. E, de facto, como informa Díaz y Díaz, o termo já aparece, neste sentido, em Sulpício Severo (*Dial.* 2, 1).

A diversidade de formas (Díaz y Díaz indica, ao lado de *anphibolum*, também *amphiballum* e *amphimallum*) mostra que o uso da palavra nesta época oscilou entre os modelos clássicos *amphibalum* (já no sentido de “manto”), provavelmente dependente de *amphibolia*, *amphibole*, e *amphimallum* (tecido felpudo de ambos os lados).

latim	espanhol	português
Arguis densissima (<i>Vita</i> 4, l.6)	Ilenos de malezas	cheios de mato

(*Densissima* é ac. pl., a concordar com loca.) *Arga* vem registado como medievismo por A. do Nascimento.

Circumseptus undique confinibus (<i>Vita</i> , 14, l.28)	todos os distritos colindantes
---	-----------------------------------

“Traduzco por el sentido, porque la frase ofrece dificultad para explicar el giro undique confinibus” — esclarece o Editor. Parece de notar que (como regista o mesmo) o códice L dá *circumseptis*, que assim seria adj. concordante com *confinibus*. Mas pode ser o contrário. Talvez seja de sugerir que os dois membros da frase (*et duces e uel circumseptus undique confinibus*) dependam em paralelo do *nisi* inicial: *et(...) uel*.

Nesse caso, *circumseptus* poderia referir-se aos interessados, ou seja, àqueles que se viam contrariados pela acção do Santo. Ficaria por explicar a forma nom. sing. Mas...

Seja como for, é evidente que a interpretação do ilustre Editor é perfeitamente plausível.

“ciuitate Spalense” (<i>Vita</i> 14, l.3)	la ciudad de Sevilla	a urbe hispalense
---	----------------------	-------------------

Em trabalhos desta índole, julgo preferível o método de conservar as designações textuais (como faz, p. ex., García Bellido ao traduzir Estrabão).

É óbvio que, neste ponto, não pode haver dúvida, mas qual o limite? por outro lado, a trad. de *ciuitas* por “cidade” (ou o esp. “ciudad”) prejudica a distinção clássica entre *ciuitas* e *urbs*, a qual, como é sabido, se manteve durante boa parte da Idade Média. Aqui, *ciuitas* é certamente o aglomerado urbano, o povoado; mas, se fosse o distrito, a circunscrição também chamada *ciuitas*, como procederíamos?

latim	espanhol	português
Multi ciues praefatae ciuitatis, uel etiam antistes ipsius urbis	muchos vecinos de aquella ciudad, e incluso su obispo	muitos cidadãos dessa cidade, e também o bispo da urbe

Devo confessar que a trad. proposta por Díaz y Díaz é mais clara para o leitor apressado. Mas não deixaria de preferir a que proponho. É de notar, por outro lado, o uso de *urbs* em referência ao bispo, o que mostra que, nesta época, ao menos no Ocidente hispânico, não se estabeleceu ainda o nexo entre a existência de bispo e a categoria (ou simples termo) “cidade”. O fenómeno tinha-se dado já, ao menos na França meridional. Se fosse lícito sair do objecto destas Notas, haveria algum interesse em observar quanto há de confuso no actual processo administrativo português, de “elevação” de vilas a cidades. Lembrar, p. ex., que na 1.^a Dinastia, Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Évora eram chamadas, ora cidades ora vilas.

Claro genere (<i>Vita</i> , 15, l.1)	de noble família	de família ilustre
--	------------------	--------------------

Só para notar uma certa insistência em palavras da família de *clarus*: A. do Nascimento regista 2 vezes *clareo*, 3 vezes *claritas*, 2 vezes *clarus*. Magne chama a atenção para a forte presença de tais palavras em Cícero.

Claustra (<i>Vita</i> , 6, l.6)	encierro	esconderijo (prisão)
-------------------------------------	----------	----------------------

Registado por A. do Nascimento como medievismo, não parece, no entanto, ser novidade na época visigótica. J. M. Piel (*Miscelânea*, I, n.º 169), ao estudar *Xostrão* (aliás, *Chostrão*, como demonstra deve ser), informa que Séneca usava uma “variante popular” de *Claustra*: *Clostra*, e lembra que o significado de “recinto fechado” é propriamente medieval, mas já se encontra na *Regra* de S. Bento. Cf. Magne, em “Claudo”.

Collegio (<i>Vita</i> , 11. l.10)	en compañía de	na comitiva
---------------------------------------	----------------	-------------

Entendo preferível dar a ideia de que havia um conjunto de pessoas que não apenas iam com o Santo, mas constituíam a sua companhia habitual, na sua dependência. Todos os numerosos sinónimos latinos de *collegium* (v. p. ex., Monti, *Corporazioni*, 8) mantêm esta ideia. Cf. também Magne, s. vb.

latim	espanhol	português
Compulsus (<i>Vita</i> 15,1.29)	Fue obrigado	foi obrigado

A trad. supõe, oculto, um *est.* Magne dá uma conotação judicial a *compello*, o que calha bem ao caso.

Per bonam confessionem (<i>Vita</i> 20, 1.16)	después de una vida de buen servicio	em recompensa de bom testemunho
--	---	------------------------------------

Parece-me preferível aproveitar o sentido mais directo de *confessio*.

Contigit (<i>Vita</i> , 5,1.1)	sucedió	sucedeu (aconteceu)
------------------------------------	---------	---------------------

Apenas para notar que o verbo *contingere*, ao invés de *accidere*, contém, em latim clássico, a ideia de felicidade. Não é este o caso — apesar do final feliz.

Conuersionem (<i>Vita</i> 18, 1.4)	género de vida	vida monástica
--	----------------	----------------

O contexto é este: “suscepto honore pristinam non deposuit conversationem”. Proporia: ‘depois de subir a tão alta dignidade, não abandonou a (anterior) vida monástica’.

latim	espanhol	português
Damulam (<i>Vita</i> 10, 1.2)	corza	corça

A. do Nascimento não regista como medievismo. Contudo, em lat. clássico, era *dama* ou *damma*, não *damula*.

Desolaret (<i>Vita</i> , 17, 1.9)	dejara desolada	abandonasse (deixasse)
---------------------------------------	-----------------	---------------------------

Parece convir mais aqui o sentido clássico.

Discedentium (<i>Vita</i> , 16, 1.5)	de los que los habían precedido	dos já desaparecidos (já falecidos)
--	------------------------------------	--

A expressão é, propriamente: *priorum discedentium*.

Cf. o francês *décédés*. V., adiante, Nuperrime (...).

Dolo et merore (cum-) (<i>Vita</i> , 15, 1.25)	en dolor y pesar	com dor e pesar
--	------------------	-----------------

Um dos mss. — informa Díaz na pg. 108 — oferece *dolore*. É esse o que permite, se bem entendo, a trad. espanhola.

Dono dei	por designio divino	por dom divino
----------	---------------------	----------------

Não vejo motivo para a trad. castelhana. Cf., adiante, obs. à n. 8 da pg. 113 da ed. crítica.

Ecclesias (<i>Vita</i> , 17, 1.16)	iglesias	igreja
--	----------	--------

Penso que será o plural pelo singular, frequente no latim medieval. Cf. Piel, *loc. cit.* (embora o caso seja aí mais fácil de explicar).

latim	espanhol	português
Eiulatu (<i>Vita</i> , 7, l.12)	lamento	ulular (grita)
Eousque (<i>Vita</i> , 9, l.5)	lo	até junto dele (?)

A presença, na l.6, da palavra (bem conhecida) *quousque* parece sugerir uma ligação entre as duas, de certo modo contrastante. Aqui, o *quousque*, como entende o Editor, deve significar “até que”. Cf. *quousque*.

Et ille e contrario fugituum omnis modis esse periberet, et eousque instinatu diaboli irritatus est ut eum uecte quem gestabat manibus ictu uerberaret. (<i>Vita</i> , 11, ll.21-23)	y aquél, por el contrario, se empeñaba por incitación del diablo en que lo era, hasta tal punto se enardeció que llegó a golpearlo con una tranca que llevaba en las manos	e o outro, pelo contrário, de todos os modos insistia em que ele era um fugitivo, e a tal ponto se irritou, levado pelo Diabo, que chegou a bater-lhe com um pau que levava nas mãos.
ex alia parte quasi sol oriens inluminaturus Spaniam	por la parte contraria a aquella por la que se levanta el sol para iluminar a Hispania	do outro lado (da ilha), como um sol nascente para iluminar a Hispânia

Parece haver várias hipóteses, além da que seguiu o ilustre Editor. A mais próxima daquela que acima proponho seria: (fundou um mosteiro) destinado a ser como o Sol nascente. Outra seria tomar o *ex alia parte* como reforçando apenas o sentido do *quasi* (como que; à maneira de); o que não seria impossível, dado que *ex parte* pode significar ‘de certo modo’. Em apoio da minha, cf. 16, 1-3.

latim	espanhol	português
ex gardingo regis sponsa (<i>Vita</i> 15, l.2)	prometida de un gardingo del rey	noiva de um ex- -gardingo do rei

Embora se possa pensar que o *ex* somente indicaria como que a extracção social do noivo, julgo mais provável que se tratasse mesmo de um antigo gardingo.

Quanto ao *ex* se ligar a *sponsa*, não parece razoável no contexto. Por outro lado, a forma *gardingo* parece anómala. Talvez, no fim de contas, *sponsa ex gardingo* queira dizer o mesmo que *sponsa gardingui*, e o Prof. Díaz teria plena razão.

exemplo suo excellentissimae sanctitudinis coruscante splendiflua claritate (<i>Vita</i> 16, ll.1-2)	con su ejemplo por la espléndida e irradiante clareza de su descollante santidad	pelo seu exemplo, com a luz cintilante (e) irradiante da sua altíssima santidade.
--	--	--

Não se trata de interpretações diferentes.

exercenda publica expeditione (quasi pro-) (<i>Vita</i> 3, ll.10-11)	bajo el pretexto de preparativos para cualquier campaña	a pretexto de efectuar uma expedição
--	---	---

Para o sentido histórico deste passo, v. especialmente Paulo Merêa, *Estudos de Dir. Visig.*, 261-62, 310 e n.12. Um dos pontos capitais de uma longa polémica entre Sánchez-Albornoz e o nosso mestre de Direito. Cf. 14, ll.29-30.

exercitus monachorum (<i>Vita</i> 14, ll.30-31)	ejército de monges	exército de monges
---	--------------------	--------------------

O contexto é que dá motivo a uma trad. espanhola que me permito contestar, por parecer introduzir uma nota irónica onde o latim não o permite. Assim, *innumerabilis se debuit congregare exercitus monachorum* não me parece que dê lugar a “habría sentado plaza innumerable ejército de monges”. É de sublinhar o paralelismo entre o *exercitus* dos “duces” e o do Santo.

latim	espanhol	português
Ducis exercitus Spaniae (<i>Vita</i> 2, 1.2)	de un duque del ejército de Hispania	de um chefe do exército da Hispânia

Parece-me preferível usar um termo genérico.

cum nimia formidine (<i>Vita</i> , 17, 1.11)	con enormes precauciones	com extremo temor (ou com exagerado receio?)
--	-----------------------------	--

É óbvio que a trad. proposta pelo Editor é perfeitamente plausível.

“gardingo” (<i>Vita</i> , 15, 1.2)	gardingo	gardingo
--	----------	----------

Cf., atrás, *ex gardingo*. Para esta instituição visigótica, v. Paulo Merêa, *op. cit.*, 254-64 e 273 e n. 35. O termo relaciona-se, historicamente, com *fidelis* e com *leude* (v. *loc. cit.*, 255-56).

habet (ut sese) (<i>Vita</i> , 11, 1 . 17)	según se comporta	como é próprio dele
ibicibus (<i>Vita</i> 8, 1.18)	cabras monteses	camurças

latim	espanhol	português
ille (<i>Vita</i> 15, l.13)	le	lhe

A única dificuldade está no dat. *illi*, referente a mulher. Em *Bastardas*, pgs. 65-70, acho algum fundamento para tal.

illi esset cepta (<i>Vita</i> 19, l.6)	había empezado	lhe começara
--	----------------	--------------

Trata-se, creio eu, de uso análogo ao nosso compl. indir. subjectivo, muito vulgar em linguagem familiar e na poesia de Fernando Pessoa. Cf. 19. l. 3: *Tanta illi fuit intentio*, que não é bem o mesmo caso.

imponens ei manum ordinavit eum abbatem (<i>Vita</i> 20, ll.10-11)	imponiendole la mano lo ordenó abad	impondo-lhe a mão, ordenou-o abade
--	--	---------------------------------------

Confesso a minha perplexidade ao ver a dúvida levantada neste ponto por Díaz y Díaz. Ainda que a imposição fosse exigida pelo ritual, não parece estranhável um gesto tão tradicional na tradição cristã, por parte de um homem venerando. Não vejo como se possa pensar que o A. (ou autores) da *Vita* inventasse (pouco tempo depois da morte de Frutuoso) acto tão insólito. Mas este problema não tem a ver, em si mesmo, com tradução ou interpretação.

Inmissus perfida laboris inundia inimici (<i>Vita</i> 15, l.26)	trabajado por el pérfido rencor del enemigo	impelido pela pérfida inveja do Inimigo ao trabalho (feito)
---	---	---

É com muita hesitação que proponho esta leitura.

Incure (<i>Vita</i> 7, l.5)	descuidadamente	descuidados
---------------------------------	-----------------	-------------

Inclino-me para que *incure* esteja por *incurae*.

latim	espanhol	português
Inextimabiliter (<i>Vita</i> 14, l.2)	especialmente	inesperadamente

Será gralha o “especialmente” da trad. castelhana? O facto de a palavra lat. ser (como se vê em A. do Nascimento) medievismo não me parece que levante dificuldade de maior.

Insistebat ut faciem illius uideret (<i>Vita</i> 15, l.32)	al punto de que no dirigió ni una mirada a su esposo	esforçava-se por não lhe ver o rosto
---	--	---

Parece-me preferível traduzir literalmente este passo. No entanto, reconheço que a trad. que proponho não tem em conta a construção latina *ita(...) ut*.

Iipse uero dum inibi cenobiali ritu conctis conmorantibus modum rectae uitae constituisset (<i>Vita</i> 8, ll.14-15)	Él, en cuanto hubo establecido para todos los que residían en ellos un modelo de recta vida siguiendo los principios cenobíticos	E ele, tendo instituído, para todos os que aí viviam à maneira cenobítica, uma regra de recta vida
--	--	---

Iubamine (<i>Vita</i> 7, ll.4 e 20; 12, l.15; 14, l.22)	ayuda	ajuda (ou ordem?)
--	-------	-------------------

Aires do Nascimento não regista esta palavra; parece incluí-la no

lema clássico *jubeo*. Alguns dicionaristas dão *iuuamen*, mas parece claro que o termo seria pouco usado em lat. clássico. Penso que se deve aproximar os vocábulos clássicos *iubeo* (ordenar), *iussum* (ordem) — com o defectivo *iussus* — e o verbo impessoal *iuuat*; lembrar tb. que o latim visigodo tende a trocar o u(=v) pelo b, e por isso poderíamos pensar em *adiuuu*, *adiutorium*... Talvez a tradução de 7 e 14 deva ser “ordem” (“ou inspiração”, o que daria melhor com a preposição *cum*), ao passo que a de 12 seria francamente “ajuda”.

latim	espanhol	português
Jussit eum uocari (<i>Vita</i> 20, l.10)	mandou llamarlo	mandou-o chamar

O problema não é a tradução. Apenas me interessa considerar a ausência, nesta hora, do único “criado” que restava a Frutuoso.

Juuenis (<i>Vita</i> 10, l.23)	joven	jovem
------------------------------------	-------	-------

A palavra não oferece nenhuma dificuldade ao tradutor. Só aproveitaria para insistir na importância dos termos designativos de idade, que tantas questões levantam ao medievista (e não só a ele). Assim, é de notar, em primeiro lugar, a sinonímia “concreta” de *juuenis* e *puer* (v. l.28). Depois, lembrarei: *juvenis* era, em lat. clássico: jovem; novo; moço; rapariga; mulher nova; homem entre os 25 e os 45 anos; homem robusto. *Iuuenes inuptii* eram, na Reconquista (Alta Idade Média) os colonizadores preferidos para as terras a norte do Douro, segundo ensina Sánchez-Albornoz. *Iuuenta* significava, em termos clássicos: mocidade; força e agilidade da idade juvenil, os moços. *Innueñas*; força juvenil. *Iuuentus*: mocidade; os moços. *Iunior* (tb. *iuuenior*): mais jovem. *Iuniores*, como termo militar: os legionários mais novos, mais ou menos entre os 18 e os 25 anos. *Iuuenca*; menina, rapariga. (Cf. port. minhoto *juvanca*, registado por Viterbo como bezerra, tb. sob a forma de govenco, estando o g por j). *Iuuenula*: mocinha. *Iuuenculus*: rapazinho. *Iuuenus*: moço; rapaz.

latim	espanhol	português
Leuauit iudicem(...) comite nomine Angelate (<i>Vita</i> 15, ll.27-28)	obtuvo un juez(...) un conde llamado Angelate	levou consigo, para juiz, um conde chamado Angelate

A anomalia que consiste na não concordância gramatical entre *iudicem* e *comite* desapareceria se o Editor tivesse aproveitado para corrigir o texto que habitualmente segue o *comitem* de um outro manuscrito (registado em nota, como sempre).

Licet inuitus, contra uoluntatem suam langoris memore depressus perniciter resistendo in sede metropolitana dono dei ordinatus est pontifex (<i>Vita</i> 18, ll.1-3)	aunque contrariado, contra su voluntad y abatido por el temor de caer en inactividad, resistiendo decididamente, fue ordenado por designio divino obispo en la sede metropolitana	embora contrariado e resistindo a princípio por estar involuntariamente mergulhado na tristeza da inactividade (acédia - cf.), foi, por dom divino, ordenado pontífice na sé metropolitana (ou para a sé metropolitana?)
--	---	--

Vários aspectos problemáticos apresenta este discurso: a) *langoris merore depressus*: não vejo como Frutuoso encarasse a função episcopal como uma sinecura; acho muito mais provável que se trate de um estado de espírito, aquele que justamente os autores espirituais designaram por acédia. Foi nesse estado que ele, de momento, a princípio (ponto b), resistiu à chamada. Note-se, no entanto, que um dos manuscrito dá *pertinaciter*, o que apoia a interpretação de Díaz. c) Na sé, ou para a sé? E que sé era essa? A tese ou suposição de Domingos Maurício (Toledo) parece não ter fundamento válido. Mas Frutuoso pode ter sido sagrado (aliás, ordenado, como então se dizia e volta a surgir no ritual romano actual) seja lá onde

fosse, para a sé metropolitana da Galécia - Braga. d) *Dono Dei* foi já analisado.

latim	espanhol	português
Luctu (<i>Vita</i> 7, 1.12)	luto	aflição

Ao menos em port., não havia uma situação de “luto”, mas de perda (sentido que os dicionários tb. dão a *luctus*), ou, mais adequadamente, de aflição causada por uma perda ao menos provável.

Merens (<i>Vita</i> Apd. ao 20, 1.3)	desconsolado	merecedor (ou seja: desde que o mereça)
--	--------------	--

A tradução que proponho apoia-se em que: a) *merens* é, propriamente, a palavra que significa merecedor; b) a possível confusão com *maerens* (triste) seria de evitar pelo autor, exactamente para não haver equívoco; c) a *Vita* emprega *meror* (18, 1. 2: *merore*) para o sentido que propõe o Editor.

missam (post_) (<i>Vita</i> 14, 1.7)	misa	missa
--	------	-------

Como é óbvio, o problema não está na tradução de missa; o que me parece interessante é entender a relação do *post* com a *missa*. V. adiante.

modici montis (<i>Vita</i> 19, 1.2)	de un pequeño cerro	de um pequeno monte (ou: de Montelios?)
---	---------------------	---

A expressão latina parece querer ajustar-se a um topónimo

“*Montelium*”, origem do actual Montelhos. É também possível que o topónimo derive da expressão latina; mas não será um pouco especioso? Em 883, um documento compostelano já nos dá “*locum Montelios*” (cf. P^e. Avelino Costa, *loc. cit.*, 531-32). Mas não parece de admitir a passagem de *modici montis* a *Montelius* em tão pouco tempo.

latim	espanhol	português
monasterium Rufianensem (<i>Vita</i> 6, ll.2-3)	el monasterio de Rufiana	o mosteiro rufianense

Sem de modo algum contestar a origem do nome, apresentada por Díaz y Díaz, estranho que, ao falar da fundação de um mosteiro, um escritor a bem dizer contemporâneo se lhe refira assim. Cf. designações paralelas: *cenobium Complutensem*, *monasterium Visuniensem*, *monasterium Peonensem*. É de supor que o Autor da *Vita*, ao usar estes adjectivos, já não tivesse em vista os *possessores*.

nisi et (<i>Vita</i> 14, l.27)	si(...) non	se(...) não
------------------------------------	-------------	-------------

Nisi et não parece ser construção clássica. Pode ser que se deva ler: *nisi et duces/uel circum*s.

occulti studuit (se_) (<i>Vita</i> 8, l.17)	se cuidó de ocultar	procurou esconder-se
---	---------------------	----------------------

O texto latino da *Vita* vem gralhado: *occuli*. Não é caso único.

octuagenarius in congregatione	se completó el número de ochenta	se completou o número oitenta na
-----------------------------------	-------------------------------------	-------------------------------------

latim	espanhol	português
numerus sanctarum uirginum compleretur (<i>Vita</i> 15, ll.19-20)	santas vírgenes en la congregación	congregação das santas virgens

O Prof. Díaz admite que o original teria outra palavra mais simbólica, em vez de *numerus*. A leitura ‘objectiva’ leva a supor que se esteve à espera de as jovens serem oitenta para então se fundar o mosteiro. (Mas onde vivam elas, quando eram 79?...) *Octuagenarius* vem registado como medievismo por A. do Nascimento. Quanto ao valor simbólico de 80, nada posso acrescentar à nota do Editor (pg. 109, 2). Será interessante conferir a meta de 80 com o que logo a seguir se diz (*Vita*, 15, ll.21-24) da afluência de mulheres com as filhas a esse mosteiro. E o número 100 em S. Pacómio.

partens occupans Orientis (<i>Vita</i> 17, l.3)	dirigirse al Oriente	escalando a região oriental
---	----------------------	--------------------------------

“Escalar” aproxima-se do sentido (já clássico) de ‘assaltar’ (*occupans*). *Ocupans* serve de gerúndio, isto é, tem aqui (como Bastardas explica) a sintaxe própria do gerúndio: não concorda com o subst. ou com o pron. Por isso não vem ‘*occupantem*’ (para concordar com *eum*). Construção próxima de uma outra, frequente na *Vita*: o part. presente é usado com valor de tempo finito (de certo modo mais próximo do uso românico do gerúndio). V., adiante, “*sola et ingressa est*”.

paruulo (a_) (<i>Vita</i> 20, ll.9-10)	desde niño	desde menino
--	------------	--------------

Nenhuma dúvida. Apenas continuaria a registar algumas formas de designar categorias etárias. Assim, *a paruulis*: desde criança; *a paruulo*: desde criancinha; *paruus* ou *paruulus* usava-se quase indiscriminadamente; *paruula aetas*: muito tenra idade.

latim	espanhol	português
paulister (<i>Vita</i> 7, 1.15)	poco a poco	em pouco tempo
pelago (<i>Vita</i> 7, 11.3 e 11)	bahía (mar profundo)	no mar alto

A diferença entre as duas expressões não me parece que seja baseada em qualquer diferença real; prefiro, pois, traduzir sempre “mar alto” (ou “mar profundo”). Note-se que *pelagus* veio a tomar, em baixo latim medieval, sentido mais lato. V. p. ex., *Libro Becerro del Monasterio de Valbanera*, doc. 97 (a. de 1078), ou Gama Barros *História* VIII, 46 n. 1 (forais do tipo de Salamanca). Gama Barros diz tratar de nascentes e do logradouro dos rios.

perfectus (<i>Vita</i> , 3,1.2)	adulto	adulto
----------------------------------	--------	--------

Não encontro esta acepção em lat. clássico. Mas é evidente, como observa Díaz (pg. 85, n. 1), que se trata de um oposto de *paruulus*. Afirma Díaz y Díaz que isso nos permite fixar a fundação quando Frutuoso já tinha pelo menos 30 anos.

persolueret (<i>Vita</i> , 11,1.6)	combinar	cumprir
--	----------	---------

O contexto é o seguinte: *sacra uota mentis suae sacratissimis (—) cordis sui affectibus*. Eu traduzo: cumprir as sagradas promessas do seu espírito com sacratíssimos afectos do coração. O Editor: “combinar los sagrados votos de su espíritu con los sacratísimos afectos de su corazón”. O sentido clássico do verbo favorece o entendimento da frase.

praecipuum (...) monasterium (<i>Vita</i> , 19,1.2)	um importante monasterio	um mosteiro entre todos seu
--	-----------------------------	--------------------------------

A trad. proposta pelo Prof. Díaz y Díaz, além de obviamente possível, tem em seu apoio o contraste retórico do texto: *modici - praecipuum*. Apesar disso, atrevo-me a sugerir esta outra ideia.

latim	espanhol	português
praedestinatione (omni_) (<i>Vita</i> , 17,1.6)	con todo sigilo	com a maior determinação

Informa o Editor que um dos códices dá “*festinatione*”. Ora, existe já em lat. clássico *praefestinare*, e *praefestinare sinum*, que significa ‘atravessar rapidamente um golfo’. Talvez a intenção do A. fosse dizer que Frutuoso queria atravessar rapidamente o mar (ou, o que, na prática, seria o mesmo: queria, rapidamente, atravessar o mar). Não vejo nisto a ideia de segredo.

Propinquantem scilicet uitae presentis occasum (<i>Vita</i> , 19,11.6- -7)	al aproximarse el ocaso de su vida terrena	que se aproximava o fim da vida presente
--	--	---

Penso que a trad. castelhana depende da existência de uma forma ablativa *propinquante* num dos códices. Mas parece que o acus. se justifica desde que se entenda ainda dependentes de *praecognouisset*.

prouincia (orientalie_) (<i>Vita</i> , 1,1.3)	en el Oriente	província oriental
--	---------------	--------------------

O termo surge 6 vezes na *Vita* (v. A. do Nascimento). Neste primeiro passo, levanta, para mim, algumas dúvidas: *ex Egipto orientale prouincia* quer dizer ‘desde a província oriental do Egipto’ (praticamente a mesma coisa que ‘desde o Egipto, província oriental’), ou desde o Egipto, na província oriental, isto é, no Oriente? É claro que, em língua clássica,

prouincia nunca poderia ser o Oriente (do Império Romano, ou ainda mais que isso). Nem sequer a Hispania era simples *prouincia*. Mas já encontramos em Stº Agostinho “*prouincia Spania*” (Sermão 313 G §3). Para o primitivo uso da palavra e alguma coisa da sua história, v. Marcello Caetano, *Hist. do Direito Port.* I, 67-68.

Puellarum	de las vírgenes	das monjas
(<i>Vita</i> , 15,1.24)		

A. do Nascimento regista 6 presenças do lema. Só me interessa anotar generalidades. *Puella*: menina; rapariga; filha; mulher nova; amada. *Puellares anni*: meninice; tenros ou verdes ano. *Puellula*: pequenina; menina bonita.

puer	jovencito	rapaz (jovem)
(<i>Vita</i> , 10,1.28)		

Cf., atrás, *iuuenis*. Aqui, acrescentarei: não vejo razão para se chamar ao mesmo tempo, à mesma pessoa, “joven” e “jovencito”. *Puer*: menino; criança; rapazinho; rapaz novo; escravo novo; filho (ainda criança); homem novo; criança (menina, mas usado como subs. fem.); entre a infância e a adolescência. Nas *Cartas* de Plínio, livro IV, cart. II e VII, a mesma pessoa é chamada *puer* e já estava emancipada. O trad. fr. (ed. Garnier) dá “*enfant*”; mas é de recordar que, em língua francesa, *enfant* é usado para além da idade a que o português aplica “criança”. Segundo K. Strecker, *puer* pode ir até aos 28 anos, em latim medieval. *Puera*: menina. *Pueri*: meninos ou crianças (em conjunto, por oposição aos adultos, e incluindo os dois sexos). *Pueriles anni*: infância; meninice. *Puerilis aetas*: idem. *Puerilis tempus*: infância; meninice. *Pueritia*: infância; meninice; adolescência (até aos 16 anos).

Puricelluli (*Vita*, camareros criados
2,1.12)

A interpretação de Díaz y Díaz, feita com bastante hesitação, parece a mais razoável. Apenas me permito preferir um termo mais lato (ao menos quanto à origem da palavra). A extrema raridade da palavra (o Prof. Díaz só conhece um passo de Gregório de Tours nos *Milagres de S. Martinho*, não permite nenhuma certeza. Mas o texto gregoriano pode apoiar a interpretação oferecida. Díaz chama a atenção para certa analogia com *puer*. A semelhança com *puritas* convida a pensar em (escrivão da) puridade...

Quasi (*Vita*, seg. A. do
Nascimento)

V., atrás, *exercenda* (...). As 3 vezes (registadas por A. do Nascimento) em que aparece a palavra na *Vita* mostram, ao que me parece, o mesmo sentido de 'como se', 'por assim dizer', 'de certo modo', ou, ainda, 'a pretexto de'.

Quid multa? (*Vita*, Para qué más?
17,1.7)

Hesito entre vários sentidos: a) 'Não era preciso dizer mais nada; foi quanto bastou'; b) 'que havia ele de fazer?; para que havia ele de insistir?'; c) 'De que serviu tudo isso?'; d) 'Para que dizer algo mais?' (sentido diverso do a)).

Quumque (...) per- Trató E, tendo tratado cui-
tractasset dadosamente,
(*Vita*, 17,11.4-5)

Suponho que o uso do verbo composto seria significativo ainda no século VII.

Rutilaret (<i>Vita</i> , 1,1.3)	comenzó a brillar	começou a brilhar
-------------------------------------	-------------------	-------------------

Díaz y Díaz observa (pg. 81, n. 2) que não se justifica a série de formas conjuntivas (*rutilaret; praemicarent; perluceret*) na dependência do mesmo *postquam* que determinara *inradiauit*. A estranheza é perfeitamente justa, tanto mais que, depois dessa série, volta o indicativo (*inluminauit*). Apenas registro (sem saber explicar-lhe o valor) que o conjuntivo é, aqui, introduzido não só pelo *postquam* mas ainda por um *et*, que se mete pelo meio e, aparentemente, complica a sintaxe verbal.

In sancta ecclesiarum aedificatione (<i>Vita</i> , 19,11.3-4)	a la edificación de iglesias	na santa edificação de igrejas (ou: em fundar santamente igrejas)
--	---------------------------------	---

Parece-me melhor conservar o adj. santa.

scolae (<i>Vita</i> , 2,1.13)	de (...) escuela	do (...) paço
-----------------------------------	------------------	---------------

Embora muito a medo, parece-me de sugerir que se trate do conjunto da 'casa' de Conâncio. É sabido que o termo *schola* teve, na Antiguidade e sobretudo na Idade Média, variados sentidos. *Schola* era o nome da guarda imperial, no Baixo Império. Que seria verdadeiramente a *schola palatina* de Carlos Magno? A *schola graecorum* era, em Roma, a colónia bizantina militarmente organizada...

Secunda diei ora (<i>Vita</i> , 14,1.10)	media mañana	na segunda hora do dia
--	--------------	---------------------------

Ao lado de *secunda diei ora*, temos *ora secunda* (14.11-12). Vejo em Ricciotti (*Vida de Cristo*) que a 2ª hora do dia era entre as nossas 9 h. e 10.30 h..

Sedule (<i>Vita</i> , 3,1.5)	espontaneamente	propositadamente (ou: com grande empenho?)
Per singulas congregationes (<i>Vita</i> , 16,1.3)	por medio de congregationes	por meio de cada uma das congregações
Sol oriens inluminaturus Spaniam (ex alia parte) (<i>Vita</i> , 14,1.18)	se levanta el sol para iluminar a Hispania	como sol a nascer para iluminar a Hispânia

Cf., atrás, *quasi* e *ex alia parte*. A minha trad. é igual à do Editor espanhol (com a subtil diferença de que o meu é artigo e o dele é preposição, como é manifesto a quem saiba um pouco de castelhano). Mas há um problema curioso de interpretação: para mim, não se trata aqui do Sol, astro do dia mas do mosteiro (ou antes, do próprio fundador). E o estilo não me parece, portanto, empolado e fora do costume do Autor. É, sim metafórico (v. *Vita*, 17, 9: *ne talis lux Spaniam desolaret* e sobretudo, 16,11.2-3: *coruscante splendiflua claritate cunctam inluminasset Spaniam*. Mas aceito a interpretação geográfica do Prof. Díaz.

Sola et ingressa est (<i>Vita</i> , 15,1.3)	entróse sola en	estava só e entrou (entrou sozinha)
---	-----------------	--

A construção já foi rapidamente anotada: cf. *revertens*. De certa maneira, o *est* comanda os dois adjectivos *sola* e *ingressa*. Mas este costume sintático é muito frequente em textos de latim medieval. O mais ilustre é o *Cantar de Mio Cid*, onde está comentado por Menendez Pidal.

Sumptoribus
(*Vita*, 2,1.13)

administradores

ecónomos (ou admi-
nistradores)

Problema singular, muito bem enfrentado pelo Editor (n. 4 da pg. 83). Não seria, no entanto, de admitir que a variante de L (*senioribus*) fosse a mais fiel ao perdido autógrafo? Talvez Nock estivesse a pensar nisso ao supor corrupta a leitura dos códices. De todos?

territorii (inter Bergi-
densis-) et Galleciae
prouinciaie
(*Vita*, 6,1.7)

en los confines del
Bierzo y de Galicia

entre o território bergi-
dense e a província da
Galécia

Já há pouco fiz uma pequena paragem na palavra *prouincia*. Penso que a *Vita* nos propõe (quanto a mim, impõe) o problema da relação território/província. Por isso me parece indispensável que os dois termos figurem em qualquer tradução. Registe-se, também, *Vita* 11,1.4: *prouincias Lusitaniae* mas *territorio Gaditano* (neste passo, o Editor conservou a distinção). De ambas as vezes, *prouincia* cabe a um espaço geográfico de maior importância que a de *territorium*. É sabida a longa história desta relação através da Idade Média. Cf. p. ex., Paulo Merêa e Amorim Girão, “Territórios Medievais Portugueses” (*R.P.H.*, t. II), que também serve para a relação *terra/territorium*, e inclui o importante problema da relação diocese/território.

tippo(*Vita*, 2,1.19)

?

o figurão

Não vejo que Díaz y Díaz tenha reparado nesta palavra, a não ser para dar as variantes *typo* e *tipo*. A. do Nascimento regista-a como medievismo, na forma *tippus*, que supõe canónica (ou sujeito gram.). Nos dicionários latinos encontro *typus*, de declarada origem grega, e com o sentido de: figura; imagem; estátua. Não resisto à tentação de traduzir por ‘figurão’ — quase o plebeísmo (hoje familiar) ‘tipo’...

Transfretaret (<i>Vita</i> , 17,1.6)	pasar	atravessasse o mar
--	-------	--------------------

Acho preferível conservar, sempre que possível, o sentido originário da palavra. O leitor menos familiarizado recordará que *fretum* é um dos nomes do mar (também estreito marítimo). P. ex. o nosso Vieira gosta de jogar com esta palavra.

Turonio monasterium (in praecipuum-) (<i>Vita</i> , 20,1.11)	en el importante mo- nasterio de Turonio	no seu dilecto mostei- ro Turonense
---	---	--

Cf. *Vita* 14, l. 21 e 1.9, l. 2 e *praecipuum*, já atrás comentado. Neste ponto, trata-se de duas coisas: a) identificação deste mosteiro, *praecipuum* tal como o de Nono e o de Dume (v. Díaz y Díaz, nas suas nn. 1 da pg. 115 e 1 da 117); b) explicar a forma *Turonio* quando parece que deveria estar 'Turonium'. O primeiro problema pertence a um outro momento deste trabalho. Quanto ao segundo, dir-se-ia que o Editor preferiu, na trad., as formas (de abl.?) que regista como variantes no aparato crítico: *precipuo* e *monasterio*. Seria mais prático aproveitar essas variantes para o próprio texto editado (mas não é esse o método seguido pelo ilustre mestre espanhol).

Usque post (<i>Vita</i> , 14,11.6-7)	hasta el final de	até depois da
--	-------------------	---------------

Na minha trad., procuro deixar caminho aberto para uma possibilidade: que o *post missam* fosse um tempo concreto, definido, e não o momento imediato à celebração eucarística. Confesso que não é fácil defender esta interpretação, mas talvez valha a pena, ao menos para fugir à estranheza de o Santo não querer 'ficar para a missa', num Domingo... Claro que o problema exigiria a consideração de aspectos de história litúrgica que não me proponho abordar.

Ut usque odie (...) et usque in finem mundi (ita-) (<i>Vita</i> , 16,11.5-7)	de tal modo que hasta la actualidad (...) hasta el fin del mundo	de tal modo que até hoje (...) e até ao fim do mundo
---	--	--

A trad. que proponho apenas difere da de Díaz y Díaz em que procura realçar ainda mais (cingindo-se ao texto lat.) a oposição: hoje / fim do mundo. O longuíssimo e complexo período não me parece, de resto, retorcido (faz lembrar o nosso Barros...). Parece-me curioso o emprego dos três pronomes *illius*, *eius* e *ipsius* referentes à mesma pessoa e na mesma frase.

uel paululum (<i>Vita</i> , 13,1.9)	un poquito	ao menos um pouco
---	------------	-------------------

Na trad. que proponho, aproveito um dos sentidos do *uel*.

Uenationem (rupeam esse) (<i>Vita</i> , 5,1.4)	presa montaraz	animal selvagem
---	----------------	-----------------

Desejo apenas anotar que, neste passo, *uenatio* não tem o mesmo sentido que na l.3 (embora não venham distinguidos os dois sentidos em A. do Nascimento, pg. 6). O sentido clássico conserva-se na l.3, mas é manifestamente alterado na l.4, em que é 'animal próprio para ser caçado'.

Uernulum (<i>Vita</i> , 20,1.9)	siervo	criado
-------------------------------------	--------	--------

Em lat. clássico, parece existir apenas *uernula* (para m. e f.). A trad. 'criado' reproduz exactamente um dos sentidos da palavra *criado*.

Uirtutum
(*Vita* Apd. ao 20, 1.2)

virtudes

poderes

Prefiro dizer “poderes”, e até poderia usar “milagres”.

III. A *VITA* ABREVIADA (DE ALCobaÇA)

Um dos mais altos serviços prestados por Díaz y Díaz com esta edição crítica é certamente a publicação, também crítica, de numerosos trechos litúrgicos ou para-litúrgicos relacionados com a Vida de S. Frutuoso. O caso mais interessante parece o da *Vita* abreviada de um códice alcobacense — o CCXCIII/38 da B. N. de Lisboa (Alcobaça), que vem nas pgs. 127-29. Sobre ele, veja-se também a citada recensão do Prof. Avelino de Jesus da Costa a este volume de Díaz. Note-se, antes de mais, que, segundo nos ensina o Editor, a *Vita* de Alcobaça está muito aparentada com o códice L, que é o alcob. 454. Vou proceder a uma análise comparativa, que apenas se demorará em aspectos (para mim) mais interessantes. Para melhor apreciar algumas diferenças, tenha-se em conta que o códice que serviu de base a Díaz y Díaz para a ed. da Vida de S. Frutuoso é do ano 902, ao passo que o códice da *Vita* abreviada pertence, segundo o Editor e o P. e Costa, aos séculos XII/XIII (ed. crítica, 127; R. P. H. t. XV, 554).

Seguirei, neste caso, a ordem sucessiva da leitura, e não, como no anterior, a ordem alfabética.

<i>Vita</i>	<i>Vita</i> abreviada
Exercitus Spanie (2,1.2)	Exercitus et hispanie
Puerulus (2, 1.3)	Paruulus (127, 1.2)
Conantio (2, 1.10)	Conatio (127, 1.4 do texto)

O *et* não faz sentido.

Paruulus vem na *Vita* 3, 1.2.

Complutensem (3, 1.3)	Complutense (127, 1. 6)
Eius ut isdem pars (3, 1.9)	Eiusdem pars (127, 1. últ.)

Quum (3, 1.11)

Cum (128, 1.2)

A mesma diferença é habitual. Analogamente em *quounque*.

Tulit (3, 1.12)

Abstulit (128, 1.4)

Vita

Vita abreviada

Direxit illi (3, 1.13)

Ei direxit (128, 1.6)

Dominicaeque conminationis
(3, ll.13-14)

Conminationis dominice (128, 1.5)

Se quoque conuertit in (3, 1.14)

Ad ordinem se igitur conuertens in
(128, 1.6)

Atque prolixitate orationis

Ita ageretur (3,1.15)

Hoc ageretur (128, 1.7)

Se acriter macerauit (128, ll.6-7)

Sicque factum est (3, 1.16)

Sic factum est (128, 1.8)

Quaerebat auferre (3, 1.17)

Uolebat auferre (128, 1.9)

Ed ipse secum (3, 1.18)

Atque secum (128, 1.10)

Perditionem
(3, 1.19)

Perdicionem
(128, 1.10)

É quase de regra este fenómeno.

<i>Vita</i>	<i>Vita abreviada</i>
Cunctum (4, 1.1)	Cuntum (128, 1.11)
Constituensque (4, ll.1-2)	Constitueret et (128, 1.11)
Cenobii patrem cum ingentem distractionis rigorem (4, 1.2)	_____
Et quia rumor (...) eius (4, ll.2-3)	Et propter rumorem eius (128, ll.11-12)
Gloriosae sanctitatis eius (4, 1. 3)	_____
Cunctas peragrauerat regiones (4, 1.3)	_____
Crebram pateretur inquietudinem (4, 1.4)	Inquietitudinem (sic) pateretur (128, 1.12)
Atque fauorem (4, 1.5)	_____
Egrediebatur a congregatione (4, 1.5)	_____
Et nudis uestigiis (4, 1.5)	_____
Penetrabat loca nemorosa (4, ll.5-6)	_____
Argis densissima, aspera et fragosa	_____

*Vita**Vita abreviada*

Post haec denique
(4, l. 6-6, l.1)

In uastissima et arta atque procul a
saeculo remota solitudine in
excelsorum

In vastissima et arta solitudine
monasterium ruframensem (sic)
constituit (128, ll. 12-13)

montium sinibus extruens
monasterium Rufianensem
(6, ll.1-3)

Et erga sanctum altarium se in
angusto et paruulo retrusit
ergastulo
(6, l.3)

Quumque (...) Conplutensis
cenobii
(6, ll.4-5)

Cum (...) primi cenobii
(128, ll.13-14)

Multitudo monachorum pie
uiolenti uenientes eiecerunt eum
de eadem claustra et ad pristinum
reducerunt locum
(6, ll.6-7)

Multitudo primi cenobii
cognouisset, eum pia uiolentia ad
locum pristinum reducerunt
(128, ll.13-14)

Bergidensis
(Vita 6, l.7)

Berdigensis
(128, l.15)

Galleciae prouincia confinibus
aedificauit monasterium
Visuniensem. Atque (...)
monasterium Peonensem. Et (...)
pauperibus erogauit
(6, l. 7-8, l.12)

Gall ((...)) copiam ((...)) erogauit
(128, ll.15-16)

*Vita**Vita abreviada*

In quibus multas animas
 monachorum per bonam
 conuersationem et sanctam
 disciplinam domino dedicauit. (...)
 deguisset
 (8, ll.13-16)

Deuitans frequentes populi
 concursus (8, l.16)

Uolens, ((a, parece a mais))
 omnino frequentes concursus
 uitare
 (128, ll.16-17)

Abditissima haeremi loca petit (...)
 sed diuinis oculis
 cerneretur
 (8, ll.16-19)

Sed dum opitulante domino idem
 uir sanctus inreprehensibiliter
 haeremitam peragert uitam
 eumque multi diligenter
 crebrissima uisitatione requirerent
 et non repperirent, idem uir nigras
 paruasque aues, quas usitato
 nomine uulguis gragulas uocitat,
 mansuetas in monasterio habuisse
 peribetur (9, ll.1-4)

Cum autem a suis minime
 inuenitur aues mansuete quas ipse
 in cenobio nutrierat (128, ll.17-18)

Quae praepete uolatu per diuersas
 partes siluarum eusque uolitantes
 eusque uolitantes perquirebant
 quousque repertum cunctis
 inquirentibus eius sanctas latebras

Per loca deuia uolantes garrulis
 uocibus ((...)) atque omnibus ((...))
 propalan ((...)) (128, 11. 18-19)

*Vita**Vita abreviada*

suis garrulis uocibus proderent
atque omnibus propalarent (9, ll.5-7)

Tunc deinde uniuersi ad eundem uirum cum gaudio magno properabant. Denique, (...) incipiamus (9, ll.7-11) ((...)) (128, l.19)

Quodam namque die, ut fertur, uenantium turbae cum canibus damulam persequabantur. Iam quidem multo sapientior uicta bestiola, quum undique campis late patentibus mortem sibi imminere cerneret ita ut paene iam ab ipsis canibus comprehenderetur saeuisque eorum morsibus discerperetur, idem quoque uir dei iter suum incognita uenantium causa pergebat. Ipsa nimirum bestiola dum iam nullum uspiam sibi conspiceret adesse perfugium, mox ut uirum Dei uidit, ilico sibi ab eo defensionem poposcit, ac protinus pro percipiendae uitae suffragia incunctanter sub eiusdem uiri Dei amphibolum ingressa est. (10, ll.1-9)

((...)) nanque ((...)) cum canibus ((...)) Que cum iam a ca ((...)) et moribus (sic) lesa nullum alium refugium haberet sub uiri dei amphibolo ingressa est (128, ll.19-21)

Ab omni improborum hominum persecutione (10, l.9)

Ab improborum hominum persecutione (128, l. 21)

Nox etiam canes procul abigi iussit atque ad monasterium eam (...) perduxit (10, l.10)

Et ad monasterium eum (...) perduxit (128, ll.21-22)

*Vita**Vita abreviada*

Quae, ut dicitur, tantum ab illa die
mansueta effecta est ut (10, ll.11-
12)

Que ita mansueta est effecta ut
(128, ll. 22-23)

Eam nullus de eius uestigia
disiungere uale (10. ll.12-13)

Eam ab eius uestigio nullus
disiungere ualebat (128, l.23)

nunquam balare aut uocibus
strepere cessaret (10, ll.13-14)

((...)) balare ac strepere cess ((...))
(128, l.24)

Quosque eum denuo reuideret.
Nimirum tantae (...) recubaret.

Quam ille in siluam cointiguam
monasterio saepe dimitti iussit (10,
ll.14-16)

((...)) iussit (128, l.24)

Illa uero non inmemor tanti
beneficii gratiam siluam quae eam
nutrierat contemnebat et ad
liberatoris sui presentiam ocius
recurrebat (10, ll.16-18)

((...)) beneficii siluam que eam
nutrierat contenebat et ad
liberatoris sui presentiam cicius
recurrebat (128, ll.24-26)

In tantum scilicet ut (10, l.18)

In tantum ut (128, l.26)

Repperiret (10, l.19)

repperiret (128, l.27)

Quumque diutissime hoc ageretur,
cepit (...) Sed quia antiquus hostis
(...) ad poenam (10, ll.21-23)

Quidam namque iuuenis uesaniae
spiritu afflatus, immo potius
inuidiae igne succensus desistente
sanctissimo uiro, ipsam

Quidam autem iuuenis inuidiae
((...)) succensus absente uiro ((...))
morsibus canum ((...)) (128, ll.27-
28)

*Vita**Vita abreviada*

bestiunculam morsibus canium
interemit (10, ll.23-25)

Sed quum post aliquos dies
sanctissimus uir ad monasterium
fuisset regressus (10, ll. 25-26)

Sollicite requisivit quidnam causae
(...) interemit eam (10, ll.26-28)

Qui mox genua sua summo cum
dolore in conspectu domini
flectens semet ipsum pauimento
prostravit (10, ll.20-30)

Sed nutu dei ilico inferre (...)
seuerissima ultio (10, ll. 30-31)

Ipse ille iuuenis graui febrium
langore statim correptus mox ab eo
flagitare per internuntios cepit ut
pro se domino supplicaret (10,
ll.31-33)

Ultione (10, l.34)

At ille statim ad eum profectus
domini implorauit misericordiam
ac manum suam super eum
inposuit et ilico aegroto ipsi non
solum corporis salutem pristinam
reddidit sed simul et animae eius
infirmities sacra oratione curauit
(10, ll.34-35)

(...) beatus uir re ((...)) (128. ll.28-
29)

((...)) interemptam cogi ((...))
(128, l.29)

((...)) fleuit et se in ((...)) magno
cum dolore in conspectu deo
impauimento (sic) prostravit (128,
ll.29-30)

Iuuenis autem qui bestiolam
interemit, illico grauiter
infirmatus, ipsum uirum dei per
internuncios flagitauit ut pro se
domino supplicaret (128, ll.31-32)

ulcione (128. l.32)

At ille statim ad eum profectus
manus superponit et non solum
corporis salutem pristinam
reddidit, uerum etiam simul et
anime (sic) ((...)) (128, ll.33-34)

*Vita**Vita abreviada*

Aliud quoque (...) alium uirum
(11, ll.1-2)

Quodam die quumcum ceteris
comitibus sui itineris per loca quae
urbi Egitaniae contigua sunt
pergeret atque prouinciae
Lusitaniae eximiam urbem
Emeritam ob desiderium egregiae
uirginis Eulaliae peteret (11, ll.2-5)

— Quatenus inibi sacra uota
mentis suae sacratissimis
persolueret cordis sui affectibus —
ut (11, ll.5-6)

Fusis in conspectu dei (...) ad
insulam usque quae in territorio
Gaditano sita est properans (...) sed (...) dum in Egitaniae partibus
uiaae suae carperet iter, accidit ut
cuncti qui collegio beatissimi uiri
iter agebant paululum
praecederentur ipse uero
subsistens in abdito nemorum
siluarumque densarum
secretissimo loco paulisper
orationi incubuit (11, ll.6-12)

Humo (11, 1-13)

Antiquus hostis (...) quendam
rusticum ac plebeium uirum
confestim ad locum quo uir dei
orabat furibundum perduxit (11,
ll.13-15)

((...)) Atque ((...)) iniam ((...)) ob
desiderium egregie ((...)) uirginis
peteret (128, ll.34-35)

Ut ubi ((...)) uota mentis suae
solueret (128, ll.35-36)

Accidit ut aliis precedentibus ipse
abditam nemorum siluarumque in
terras orationi incubuit (128, ll.35-
37)

Humi (128, l.37)

Quidam rusticus ad eum ueniens
(128, ll.37-38)

*Vita**Vita abreviada*

Qui dum uirumdei eminus
uidisset eumque singularem, uili
habitu
excalciatis nudisque pedibus, inter
fructecta conspexisset, ut sese habet
rustica mens (11, ll. 15-17)

Cum eum singularem uili habitu
excalciatis nudisque pedibus inter
fructeta uidisset (128, ll.38-39)

Eum ex utilitate cultu (...) accessit
(11, ll.17-18)

Eumque fugitium extimans
procacioribus uerbis conuiciando
laccessiuit ac nihil cunctatus idem
rusticus petulanter multis
contumeliis uerborum eum
obiurgauit (11, ll.18-20)

Eum fugitium extimauit et
procacioribus (sic) uerbis
conuiciando laccessiuit (128, ll.39-
40)

Respondens tranquilla mente
(11, l.21)

Respondente tranquilla menta (sic:
gralha?) (128, l.39)

Et ille e contrario fugitium omnis
(sic) modis esset periberet (11, ll,
21-22)

Et ille econtrario afirmaret
fugitius es (128, l.41) (sic)

Et eosque instinctu diaboli irritatus
est ut eum uecte quem gestabat
manibus ictu uerberaret (11, ll.22-
23)

Instinctu diauoli/(sic) irritatus eum
uecta/ (sic)quam gestabat manibus
ictu uerberaret (128, ll.41-42)

Desineret (11, l.24)

desisteret (128, l.43)

Statim eum in terra allisit (11, l.25)

Et statim eum demon in terra
conlisit (128, ll.43-44)

Sancti uiri (11, ll.25-26)

Eius (128, l.44)

<i>Vita</i>	<i>Vita</i> abreviada
Eousque debachando laniauit (11, l.26)	Eum usque debacando laniauit (128, ll.44-45)
Inuolutum (11, l.27)	Reuolutum (128, l.45)
Uir dei sanctus (11, ll.27-28)	Uir dei (128, l.46)
Restituit (11, l.29)	((...)) (128, l.47)
Nunc igitur (...) procurabimus (12, ll.1-5)	((...))
Denique iamdictus fidellissimus uir retulit dicens (12, ll.5-6)	((...))
Dum de prouincia Lusitaniae cum (...) excreuissent (12, ll.6-9)	_____
_____	De libris eius non madefactis (128, l.46)

As palavras que aparecem a mais na *Vita* abreviada constituem, manifestamente, um título. O Editor observa: "Rubricado y distinguido en el manuscrito".

Accidit die quadam puerulum cum caballo qui codices ipsius uiri dei gestabat, dum transmeare cum ceteris collegis suis nititur, in amnis fluenta profundissima cecidisce et diutissime barathro gurgitum cum ipsis libris demersum fuisse (12, ll.9-12)

Quadam die pu ((...)) ballo qui codic ((...)) dum transm ((...)) fluenta profu ((...)) disse et diutissime ba ((...)) gitum cum ipsius libris ((...)) fuisset (128, ll.47-49)

*Vita**Vita* abreviada

Tandem igitur suffragante domino
a limpharum discrimine ereptus
crepidine albei, madefactus licet
pertingere tamen meruit
incolumis (12, ll.12-14)

Tandem igitur suffr ((...)) a
limpharum discrimina ereptus
crepidinem aluei madefactus
incolumis pertingeret meruit (128,
ll.49-50)

Idem namquem uir (...) iubamine
properabat (12, ll.14-15)

Quumque ad suos peruenisset
comites dictum est illi quod omnes
codices suin aquam cessedissent
(12, ll.16-17)

Qui cum ad socios suos
peruenisset, dictum est uiro dei
omnes codices sui in aquam
cecidissent (128, ll.50-52)

Note-se, como mais significativo da provável evolução semântica de *comites* na época da redacção da *Vita* abreviada, a substituição do termo por *socios*.

Ille uero nullo penitus conmotus,
sereno ultu ilarique facie abque
aliqua maestitie (sic) (12, ll.17-18)

Ille uero in nullo penitus conmotus
sereno uultu hylari facie (128, l.52)

Eiici de marsupiis et sibimet
praesentari precepit (12, ll.18-19)

Ipsos sibi presentari fecit et de
marsupiis extractos (128, l.53)

Sed ita eos repperit siccos ut illos
flubialis licor nullomodo
contigisset neque madidos humor
uel tenuiter facere potuisset (12,
ll.19-20)

Ita siccos inuenit ut illos fluuiialis
liquor nullo modo contigisset
neque madidos humor uel tenuiter
facere potuisset (128, ll.53-54)

Aliud quoque mirabile factum (...)
fecisset deus.

Cum igitur hiis et multis aliis
miraculis clareret et multa alia

<i>Vita</i>	<i>Vita abreviada</i>
Nam et aliud retulit (...) congregatio puellarum. Quaedam uirgo (...) Amen. Beatissimus uero Fructuosus (...) agmina copiosa, posquam autem (...) deprecabat. Post haec uidelicet (extractos de 13, 14, 15, 16, 17 e 18; deste último, é a l.1)	monasteria tam monachorum quam monialium construxisset et fama eius ubique uolari (128, ll.55-56)
Licet inuitus, contra uoluntatem suam langoris merore depressus perneciter resistendo (18, 1-2)	Contra uoluntatem suam (128, ll.56-57)
In sede metropolitana dono dei ordinatus est pontifex (18, 2-3)	In ecclesia Bracharansis ((sic)) metropolitana pontifex est ordinatus (128, ll.57-58)
In eodem habitu in eodemque solito abstinentiae rigore persistens (18, ll. 4-5)	In eodem habitu solito abstinentie rigore persistens (128, l. 58-129, l.1)
Elemosinarum (18, l.5)	helemosinarum (129, ll.1-2)
Monasteriorum consummauit aedificatione (18, l.6)	Monaste ((...)) consumauit hedificationem (129, l.2)

Tanto quanto se pode presumir, a Abreviada usa erradamente o ac. na última palavra.

Por outro lado, continua a mostrar preferência, por vezes exagerada, pelo **h** inicial.

Interdum (19, l.1)	((...)) (129, l.2)
--------------------	--------------------

*Vita**Vita abreviada*

Inter Bracarensem urbem et
Dumiensem cenobium (19, l.1)

Inter Bracarensem ur ((...))
miensem cenobium ((...))

In cacumine modici montis
(19, l.2)

((...)) modici montis (129, l.3)

É de registar a persistência da expressão.

Praecipuum aedificauit
monasterium ubi suum
sanctum humatum est corpus
(19, ll. 2-3)

Pre ((...)) dificauit monasterium
((...)) eius est humatum ((...)) (129,
ll.3-4)

Tanta illi fuit intentio (...)
imperfectum. Sicque ope diuina
adiutus cuncta quae fideliter (...)
dedicauit (19, ll. 3-11)

((...)) (129)

Finis quippe termino propinquante
febre corripitur
et, quum per aliquos dies ui
febrium teneretur, quodam die
supputans tempus a
quo illi finis suus dudum fuerat
praesagatus,
inuenit ipsum instare diem quo de
hoc saeculo erat migraturus
(20, ll. 1-4)

Finis quippe termino appro ((...))
febre corripitur et cum (...) obitus
per ((...)) cognouisset (129, ll.4-5)

Nuntiauit adstantibus (20, l.4)

Adstantibus nuntiaiut (129, l.5)

Cunctis autem flentibus solus ille
exultabat
(20, ll. 4-5)

Aliis flentibus ipse solus exultabat
(129, ll.5-6)

*Vita**Vita abreviada*

Quia proculdubio sciebat quod ad
caelestem
sempiternamque gloriam
properabat (20, ll. 5-6)

Quia peoculdubio sciebat quod ad
celestem patriam properabat (129,
l.6)

Si timeret mortem (20, l.6)

Si timebat mortem (129, l.7)

Scio enim quia etsi peccator ad
praesentiam domini
mei ambulabo (20, l.7)

Quia certus sum quod ad
presenciam domini ((...)) bulo (129,
ll.7-8)

Post haec iussit se ad ecclesiam
deportari (20, l.8)

Post ((...)) ecclesiam de ((...)) (129,
l.8)

Contra o costume, é a Abreviada que corrige *eclesia*.

Et quum omnia domus suae
ordinata haberet
(20, ll. 8-9)

((...)) omnia domus sue ((...))
haberet (129, ll.8-9)

Unum uernulum suum nomine
Dicentium qui illi bene a paruulo
serierat residuum habebat (20, ll. 9-
10)

Unum uernulum suum nomine
Dicentium qui illi bene a paruulo
seruierat residuum habebat (20,
ll.9-10)

Iussit eum uocari et imponens ei
manum ordinavit eum abbatem in
praecipuum Turonio monasterium
(20, ll.10-11)

*Vita**Vita abreviada*

Sic denique accepta legitime
penitentia non est egressus de
eclesia nisi ibi ante sanctum
prostratus altarium diem illum et
noctis percurrentem spatium. Ante
exurgente enim lucis crepusculo
expandens manus ad orationem et
suum immaculatum et santum in
manibus domini tradidit spiritum
qui sanctos suos coronat per
bonam confessionem (20, ll.11-16)

Ante sa ((...)) ratus exurgente lucis
crepusculo ((sic)) ((...)) pandens
manus ad orationem et XVI die
aprillis in manibus domini tradidit
spiritum (129, ll.9-10)

Et sepelitus est in monasterio
supradicto quod fecerat ipse inter
urbem bracharensem et cenobium
dumiensem (129, ll.11-12)

Ad sacratissimum sancti corporis
eius sepulcrum euntibus cunctis
oerseprant signa uirtutum (Apd ao
20)

Ad sepulcrum autem eius insignia
uirtutum perseuerant (129, ll.12-
13)

Nam et infirmi sanantur et
daemones effugantur uel
quicumque merens eius inuictum
postulauerit auxilium statim
plenum a dominis petitionis suae
consequitur fructum (Apd. ao 20)

Nam et ibi infirmi sanantur,
demonos fugantur et quicumque
merens eius inuictum postulauerit
auxilium, statim plenum a domino
petitionis sue consequitur fructum
(129, *in fine*)

Espero que este fatigante paralelo facilite aos especialistas o encontro de interessantes aspectos da cultura portuguesa no período inicial da nacionalidade (especialmente nos âmbitos linguístico e de história das mentalidades).